

HELEN LAUER E KOFI ANYIDHOHO
(Organizadores)

**O RESGATE DAS CIÊNCIAS
HUMANAS E DAS
HUMANIDADES ATRAVÉS DE
PERSPECTIVAS AFRICANAS**

VOLUME III



Brasília - 2016

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

Equipe Técnica:

Eliane Miranda Paiva
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Luiz Antônio Gusmão
André Luiz Ventura Ferreira
Acauã Lucas Leotta
Márcia Costa Ferreira
Lívia Milanez
Renata Nunes Duarte

Projeto Gráfico:

Daniela Barbosa

Tradução:

Rodrigo Sardenberg

Programação Visual e Diagramação:

Gráfica e Editora Ideal

Impresso no Brasil 2016

R433 O Resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas
/ Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília : FUNAG, 2016.

4 v. – (Coleção relações internacionais)

Título original: Reclaiming the human sciences and humanities through African perspectives

Descrição principal baseada no volume 3.

ISBN (v. 3) 978-85-7631-620-6

1. Gana - aspectos históricos. 2. Literatura - África. 3. Racismo - África. 4. Filosofia - África. 5. Cultura - África. 6. Democracia - África. 7. Identidade nacional - África. 8. Gana. [Constituição (1992)]. I. Lauer, Helen. II. Anyidoho, Kofi. III. Série.

CDU 301.19(6)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

SEÇÃO 6

“África” como sujeito do discurso acadêmico

Capítulo 49

O gênio africano 1541
Kwame Nkrumah

Capítulo 50

O nome manchado da África:
Racismo conradiano na mídia artística contemporânea..... 1559
Chinua Achebe

Apêndice ao Capítulo 50

Uma imagem da África: racismo em *Heart of Darkness*,
de Joseph Conrad 1579
Chinua Achebe

Capítulo 51

Literatura africana e a crise na teorização
pós-estruturalista 1601
Niyi Osundare

Capítulo 52

Power of Their Word: introdução à primeira conferência
nacional sobre literatura oral em Gana..... 1627
Kofi Anyidoho

Capítulo 53

O que são “estudos africanos”? Estudiosos africanos,
africanistas e a produção do conhecimento 1647
Olúfêmi Táíwò

Capítulo 54

A voz africana em estudos africanos hoje 1679
Emmanuel Akyeampong

CAPÍTULO 49

O GÊNIO AFRICANO¹

Kwame Nkrumah

Senhoras e Senhores,

Estou muito feliz em estar com vocês nesta ocasião e em lhes dar as boas vindas a esta inauguração oficial do Instituto de Estudos Africanos. Considero esta uma ocasião historicamente importante. Quando estávamos planejando esta universidade, eu sabia que um Instituto de Estudos Africanos, multifacetado, que a fecundasse e, através dela, a Nação, seria vital. Agora este instituto já existe há algum tempo e já começou a contribuir para o estudo da história, da cultura, das instituições, do idioma e das artes africanas. Ele já começou a atrair para si estudiosos e estudantes de Gana, de outros países africanos e do resto do mundo.

¹ Este discurso foi proferido pelo autor como primeiro Presidente da República de Gana na inauguração do Instituto de Estudos Africanos, da Universidade de Gana, em Legon, no dia 25 de outubro de 1963. Está aqui reproduzido em versão minimamente editada do texto publicado pela primeira vez pelo Ministério da Informação e da Transmissão do Governo de Gana, que foi lançado para distribuição pública gratuita pelo Conselho de Publicações do Instituto de Estudos Africanos no aniversário de cinquenta anos da independência de Gana.

O começo deste ano letivo marca, num certo sentido, um novo desenvolvimento deste instituto. Ele já tem uma equipe docente de 17 pesquisadores e aproximadamente quarenta estudantes de pós-graduação – dos quais cerca de um terço vem de Gana e o restante de países tão diversos como Polônia, Estados Unidos da América, Nigéria e Japão. Esperamos, em breve, ter estudantes e pesquisadores da China e da União Soviética. Este instituto não é mais um bebê, mas uma criança que está crescendo. Ele começou a desenvolver uma personalidade própria e a se tornar conhecido no mundo. Este, portanto, é um momento para avaliar e repensar as funções tanto do instituto quanto da universidade na qual ele está instalado.

Que tipo de Instituto de Estudos Africanos Gana quer e precisa ter? De que forma Gana pode contribuir de maneira específica para o avanço do conhecimento sobre os povos e as culturas africanos através da história do passado e de problemas contemporâneos? Para que tipo de serviço estamos preparando os estudantes deste instituto e das nossas universidades? Será que temos certeza de que nós estabelecemos aqui a melhor relação possível entre professores e alunos? Até que ponto nossas universidades estão identificadas com as aspirações de Gana e da África? Vocês que estão trabalhando neste instituto – como funcionários na área de pesquisa e assistentes, professores e estudantes – têm uma responsabilidade especial para ajudar a responder essas perguntas. No entanto, quero aproveitar esta oportunidade para apresentar a vocês alguns dos princípios orientadores que um Instituto de Estudos Africanos situado aqui em Gana, neste período de nossa história, deve ter sempre em mente.

Acima de tudo, gostaria de enfatizar a necessidade de uma reinterpretção e de uma nova avaliação dos fatores que formam o nosso passado. Temos de reconhecer francamente que os

estudos africanos, na forma em que eles foram desenvolvidos nas universidades e centros de ensino no ocidente, foram amplamente influenciados pelos conceitos de “estudos coloniais” no estilo antigo e, até certo ponto, ainda permanecem sob a sombra de ideologias e da mentalidade coloniais.

Até recentemente, o estudo da história da África foi considerado como um tema sem importância e marginal no âmbito da história imperial. O estudo de instituições sociais e culturas africanas foi subordinado em diversos níveis ao esforço para manter o aparato de poder colonial. Em institutos britânicos de ensino superior, por exemplo, havia uma tendência a olhar para antropólogos sociais para que eles fornecessem o tipo de conhecimento que ajudaria a sustentar o tipo específico de política colonial conhecido como governo indireto.

O estudo de idiomas africanos estava relacionado de maneira próxima aos objetivos práticos do missionário europeu e do administrador. A música, a dança e a escultura africanas foram rotuladas como “arte primitiva”. Elas foram estudadas de forma a reforçar a imagem da sociedade africana como algo grotesco, como uma província humana curiosa e misteriosa, o que ajudou a atrasar o progresso social na África e a prolongar o domínio colonial sobre seus povos. Os problemas econômicos africanos – sua organização, mão de obra, imigração, agricultura, comunicações, seu desenvolvimento industrial – costumavam ser vistos a partir do ponto de vista do interesse europeu na exploração de recursos africanos, assim como a política africana era estudada no contexto do interesse europeu na gestão ou na manipulação de assuntos africanos.

Quando falo de uma nova interpretação e de uma nova avaliação, eu me refiro especificamente aos nossos professores e palestrantes. É claro que os professores e palestrantes que

não sejam ganenses ou africanos são bem-vindos para trabalhar conosco. Intelectualmente, não existe nenhuma barreira entre eles e nós. Nós valorizamos, no entanto, que a constituição mental deles tenha sido em grande parte influenciada pelo seu sistema de educação e pelos fatos da sua sociedade e do seu ambiente.² Por esta razão, eles devem se esforçar para ajustarem e reorientarem suas atitudes e seu pensamento para as nossas condições e aspirações africanas. Eles não devem tentar simplesmente reproduzir aqui os seus próprios padrões diversos de educação e cultura. Eles devem adotar e desenvolver essas aspirações e responsabilidades, que são claramente fundamentais para manter uma sociedade africana voltada para o futuro e dinâmica.

Uma função essencial deste instituto certamente deverá ser o estudo da história, da cultura, das instituições, dos idiomas e das artes de Gana e da África, de novas maneiras centradas na África – com total liberdade em relação às proposições e pressupostos da época colonial e às distorções daqueles professores e palestrantes que continuam a fazer dos estudos europeus da África a base desta nova avaliação. Pelo trabalho deste instituto, temos que reavaliar e afirmar as glórias e as realizações do nosso passado africano e inspirar nossa geração e as próximas gerações com a visão de um futuro melhor. Mas vocês não devem parar por aqui. Seu trabalho também deve incluir um estudo das origens e da cultura de povos de origem africana nas Américas e no Caribe e vocês devem tentar manter relações próximas com seus estudiosos para que possa haver uma fecundação cruzada entre a África e aqueles que tiverem suas raízes no passado africano.

O segundo princípio orientador, que eu gostaria de enfatizar, é a necessidade urgente de procurar, editar, publicar e disponibilizar todo tipo de fontes. Estudiosos ganenses que num período remoto

2 N.E: Veja o desenvolvimento deste ponto por Olufemi Taiwo sob condições contemporâneas 45 anos depois no Capítulo 53.

estavam ativamente preocupados com o estudo da história de Gana e das suas instituições e que ajudaram a preparar o caminho para a criação deste instituto – como Carl Reindorf, John Mensa Sarbah, Casely-Hayford, Attoh-Ahuma, Attobah Coguano, Anthony William Amo – entenderam o quanto o desenvolvimento dos estudos africanos dependiam da recuperação de materiais de fontes vitais. Na verdade, a busca, a publicação e a nossa interpretação de fontes são obviamente processos que devem andar juntos. Entre estudantes não africanos da história e das instituições de Gana, um dos que mais se destacou foi sem dúvida o Capitão R. S. Rattray (1881-1938). Devido à sua honestidade intelectual e ao seu empenho, ele conseguiu avaliar e apresentar ao mundo os valores inerentes a cultura que lhe era, afinal de contas, estrangeira. É impossível respeitar um intelectual a não ser que ele demonstre este tipo de honestidade. Afinal de contas, a Liberdade Acadêmica deve atender a todos os fins legítimos e não a um fim específico. E aqui o termo “Liberdade Acadêmica” não deve ser usado para encobrir deficiências e indisciplina acadêmica.

Portanto, eu gostaria de ver este instituto, em cooperação com Institutos e Centros de Estudos Africanos em outros Estados africanos, planejando produzir o que eu descreveria como sendo uma biblioteca ampla e diversificada de clássicos africanos. Essa biblioteca incluiria edições, com traduções e comentários de obras – em idiomas africanos, asiáticos ou europeus – que tenham valor especial para os estudantes de história, filosofia, literatura e direito africanos. Eu não consigo pensar numa contribuição tão sólida ou duradoura que o Instituto poderia dar para o desenvolvimento de estudos africanos de acordo com linhas saudáveis durante a segunda metade do século XX, ou para o treinamento de gerações futuras de africanistas.

Aqui neste Instituto de Estudos Africanos vocês já começaram de maneira útil com a coleção de um conjunto substancial de documentos nos idiomas árabe e hausa. Esta coleção revelou uma tradição de conhecimento em Gana sobre a qual não se conhecia muito anteriormente e espero que jogue uma nova luz sobre a nossa história como parte da história da África.

Também considero importante o trabalho que vocês estão fazendo na coleção de histórias públicas e outras formas de tradição oral – de poesia e literatura africana em todas as suas formas – da qual são expressões admiráveis o livro do Professor Nketia publicado recentemente chamado *Folk Songs of Ghana* e a obra mais recente de Kofi Antubam sobre a cultura africana. Outros ganenses também fizeram um trabalho tão bom como neste campo. Posso mencionar Ephraim Amu, cuja obra criou e estabeleceu um estilo ganense de música e restaurou uma valorização dele. Nosso velho amigo, J.B. Danquah, também produziu estudos da cultura e das instituições Akan. Muito mais deve ser feito neste sentido. Nas nossas universidades, faculdades e departamentos de direito, política, economia, história, geografia, filosofia e sociologia, o ensino deve se basear substancialmente em material africano.

Vamos dar um exemplo. Nossos estudantes na Faculdade de Direito devem ser ensinados a valorizar o vínculo muito íntimo que existe entre o direito e os valores sociais. Portanto, é importante que a Faculdade de Direito tenha professores e funcionários africanos. Não há nenhuma escassez de homens e mulheres entre nós qualificados para lecionarem lá. Isto também se aplica a outras faculdades. Apenas desta forma o Instituto de Estudos Africanos pode fecundar as universidades e a nação.

O tamanho das mudanças que estão ocorrendo na África hoje é um índice positivo da escala e do ritmo necessários para a nossa reconstrução social. Nossas universidades devem nos

proporcionar a força e o ímpeto necessários para mantermos esta reconstrução. Depois de vários anos de uma luta política amarga pela liberdade e independência, nosso Continente está emergindo de maneira sistemática do colonialismo e da opressão do imperialismo. A personalidade do africano, que foi tolhida neste processo, só poderá ser resgatada destas ruínas se fizermos um esforço consciente para restaurar a glória antiga da África. É apenas em condições de liberdade e independência total do governo e das interferências estrangeiros que a aspiração do nosso povo será efetivamente realizada e o gênio africano encontrará sua melhor expressão. Quando falo do gênio africano, quero dizer algo diferente da negritude, algo que não seja apologético, mas dinâmico. Negritude consiste num simples fingimento e estilo literário, que empilha diversas palavras e imagens com uma referência ocasional à África e a coisas africanas. Não quero dizer uma irmandade vaga baseada num critério de cor ou na ideia de que os africanos não têm raciocínio, mas apenas sensibilidade. Por gênio africano eu quero dizer algo positivo, nossa concepção socialista de sociedade, a eficiência e validade do nosso estadismo tradicional, nosso código moral altamente desenvolvido, nossa hospitalidade e a nossa energia intencional. Este instituto deverá ajudar a promover na nossa universidade e em outras instituições educacionais o tipo de educação que produzirá homens e mulheres dedicados, com imaginação e ideias que, por meio da sua vida e das suas ações, poderão inspirar pessoas a ansiarem por um grande futuro. Nossa meta deverá ser criar uma sociedade que não seja estática, mas dinâmica, uma sociedade em que oportunidades iguais sejam garantidas para todos. Vamos lembrar que, à medida que as metas e as necessidades da nossa sociedade mudam, as nossas instituições educacionais também devem se ajustar e se adaptar para refletirem esta mudança.

Nós precisamos considerar a educação como sendo o “portão para as cidades encantadas da mente” e não apenas como um meio de segurança econômica pessoal e privilégio social. Na verdade, a educação consiste não apenas na soma do que um homem sabe, ou na aptidão com a qual ele pode tirar vantagem disso. Na minha visão, a educação de indivíduos também deve ser medida em termos de até que ponto o julgamento de pessoas e coisas é saudável, do poder para entender e valorizar as necessidades de outras pessoas e para ser útil para elas. Indivíduos educados devem ser tão sensíveis às condições em volta que eles tornem seu principal empenho a melhoria dessas condições para o bem de todos.

Como vocês sabem, nós estamos fazendo muita coisa para tornar a educação disponível para todos. É igualmente importante que a educação busque o bem-estar das pessoas e reconheça nossas tentativas de resolver nossos problemas econômicos, culturais, tecnológicos e científicos. Neste sentido, será desejável que cursos de mestrado sejam planejados tendo esses problemas em mente. Portanto, é importante e necessário que as nossas universidades e a Academia de Ciências mantenham a ligação mais estreita possível em todos os campos. Isto resultará não apenas no planejamento e na execução eficientes da pesquisa, mas também em economia no uso de verbas e recursos. Deixe-me enfatizar aqui que olhamos para as universidades para estabelecermos um exemplo pela sua eficiência e seu senso de responsabilidade no uso de verbas públicas. Elas também devem estabelecer um exemplo de lealdade ao governo e ao povo, de boa cidadania, moralidade pública e comportamento.

Para que os estudantes obtenham o máximo benefício da sua educação nas nossas universidades, é fundamental que o relacionamento entre eles e seus professores seja o mais livre e fácil possível. Sem esta interação próxima entre mentes e o companheirismo comum de uma universidade, será impossível

produzir o tipo de estudantes que entenda as questões maiores do mundo ao redor de si. Será que realmente os nossos estudantes estão em sintonia com a vida da nação? Chegou a hora dos estudantes se unirem com a população. Neste sentido, não consigo ver nenhuma razão pela qual os cursos não devam continuar a ser organizados na Faculdade de Direito em Acra para magistrados laicos, funcionários do governo local e outros funcionários, tanto no governo quanto na indústria, que desejem adquirir conhecimento da lei para auxiliá-los no seu trabalho. Os funcionários da Faculdade de Direito nesta universidade deveriam organizar esses cursos para benefício das pessoas nas categorias que mencionei. Também deveria ser possível palestrantes e professores individuais darem palestras por iniciativa própria sobre assuntos que eles mesmos escolhessem, às quais toda a universidade e outras pessoas fora dela estariam convidadas. Isto tornaria possível a maior liberdade de discussão e o contato mais amplo entre as nossas universidades e o público em geral. Eu gostaria de ver isto se tornar uma prática estabelecida nas nossas universidades.

Além disso, eu gostaria de enfatizar a necessidade de o instituto olhar para fora. Pode haver alguma tensão entre a necessidade de adquirir conhecimento novo e a necessidade de divulgá-lo – entre as demandas de pesquisa e as de ensino. Mas ambas são essencialmente interdependentes. E em Gana o fato de estarmos comprometidos com a construção de uma sociedade socialista torna especialmente necessário que este Instituto de Estudos Africanos trabalhe de maneira próxima aos povos – de Gana, da África e do mundo. Professores e estudantes nas nossas universidades deveriam entender isto claramente.

O que isto significa na prática? Em parte este objetivo – de atender às necessidades do povo – pode ser alcançado com o treinamento desta nova geração de africanistas – equipando-

-os, através dos nossos cursos de mestrado e graduação, com uma base de conhecimento mais saudável nos vários campos de estudos africanos do que gerações anteriores tiveram. É por causa da grande importância que atribuo ao treinamento de africanistas bem qualificados para fazer com que este novo aprendizado retorne ao nosso sistema educacional que eu – apesar da grave escassez de professores do ensino médio – concordei que professores selecionados para estes cursos de pós-graduação sejam licenciados por dois anos para fazê-los.

Um Instituto de Estudos Africanos situado na África precisa prestar especial atenção às artes da África, pois o estudo destas pode melhorar nosso entendimento de instituições africanas, valores africanos e das ligações culturais que nos unem. Um estudo comparativo de sistemas musicais, por exemplo (ou o estudo de instrumentos musicais, da linguagem de percussão, das tradições orais que vinculam música com eventos sociais), pode esclarecer problemas históricos ou fornecer dados para o estudo das nossas ideias éticas e filosóficas. Ao estudar as artes, no entanto, vocês não deverão se contentar com o acúmulo de conhecimento *sobre* as artes. A pesquisa de vocês deverá estimular a *atividade* criativa, deverá contribuir para o desenvolvimento das artes em Gana e em outras partes da África. A pesquisa deverá estimular o nascimento de uma literatura especificamente africana, que, ao explorar temas africanos e a profundidade da alma africana, passará a ser parte integrante de uma literatura mundial. Seria errado tornar isto um simples apêndice da cultura mundial. Eu espero que a Escola de Música e Drama³, que trabalha em associação próxima com o Instituto de Estudos Africanos, proporcione a este uma válvula de escape para o trabalho criativo e para a divulgação do conhecimento das artes por meio de seus cursos de extensão e de férias, assim como por meio de um curso regular em período integral. Também

3 NE: Este é o nome original da Escola de Artes Performativas da Universidade de Gana, em Legon.

espero que este instituto, em associação com a Escola de Música e Drama, vincule a Universidade de Gana de maneira próxima ao movimento do Teatro Nacional em Gana. Desta forma, o Instituto poderá atender às necessidades do povo, ao ajudar a desenvolver novas formas de dança e drama, de música e escrita criativa, que estejam relacionadas de maneira próxima com as nossas tradições de Gana e, ao mesmo tempo, expressem as ideias e aspirações do nosso povo neste estágio crítico da nossa história. Isto deverá levar a novos passos no nosso desenvolvimento cultural.

Existem outros campos em que muita coisa ainda precisa ser feita. Além de publicar os resultados da sua pesquisa numa forma em que ela esteja disponível para estudiosos, o instituto deverá se preocupar com a sua divulgação de forma mais popular entre um público maior. Apesar de haver vários canais através dos quais este novo aprendizado poderá ser espalhado – inclusive o rádio e, no futuro breve, a televisão –, estou especialmente ansioso para que o instituto auxilie o governo no planejamento e na produção de novos livros didáticos a serem usados nas escolas de ensino médio, faculdades de treinamento, faculdades de trabalhadores e instituições educacionais em geral.

Eu tentei indicar brevemente alguns dos princípios que deveriam orientar o instituto no seu trabalho. Vocês é que deverão desenvolver, amplificar e aplicar estes princípios em relação às possibilidades efetivas que se apresentam a vocês. Tenho certeza de uma coisa, que Gana oferece um campo de trabalho rico e empolgante e um ambiente amistoso e simpático para estudiosos e estudantes de qualquer parte do mundo, que desejem se dedicar seriamente a um estudo da África e da civilização africana. Assim, espero que seja possível falar sobre este instituto – e na verdade das nossas universidades – como o historiador Mahmut Kati falou sobre outro famoso centro de aprendizado – Timbuktu, no século XVI :

[...] Naquela época Timbuktu não tinha nenhum concorrente à sua altura [...] da província do Mali aos limites extremos da região do Magreb, devido à solidez das suas instituições, a suas liberdades políticas, à pureza dos costumes, à segurança de pessoas, à sua consideração e compaixão para com os pobres e os estrangeiros, a sua cortesia para com estudantes e intelectuais e ao auxílio financeiro que ela proporcionava a estes últimos. Os estudiosos deste período eram os mais respeitados entre os Crentes pela sua generosidade, sua força de caráter e sua discrição[...]

Finalmente, eu desejaria que este Instituto sempre concebesse por sua função estudar a África no sentido mais amplo possível – a África em toda a sua complexidade, diversidade e unidade inerente.

Vamos levar em consideração algumas das implicações do conceito de unidade africana para o estudo de povos e culturas africanos e para o trabalho do seu instituto. Ele deveria significar, em primeiro lugar, que na pesquisa e no seu ensino vocês não estejam limitados por fronteiras territoriais ou regionais convencionais. Isto é basicamente um Instituto de Estudos Africanos, não de Estudos de Gana, nem de Estudos da África Ocidental. É claro que vocês tendem a ter um interesse especial em explorar a história, as instituições, os idiomas e as artes do povo de Gana e em estabelecer estes estudos sobre uma base saudável – como, de fato, já estão fazendo. Mas estas investigações deverão inevitavelmente levar para fora – para a exploração das ligações entre as formas musicais, as danças, a literatura, as artes plásticas, as crenças filosóficas e religiosas, os sistemas de governo, os padrões de comércio e as organizações econômicas que se desenvolveram aqui, em Gana, e as culturas de outros povos africanos e outras regiões da África.

Isso quer dizer, Gana só pode ser entendido no contexto africano total.

Permitam-me ilustrar este ponto. Como vocês sabem, Gana sempre foi uma das grandes áreas produtoras de ouro do mundo. Boa parte do ouro das nossas minas era exportada pelo nosso povo, que realizava este comércio como uma empresa estatal exclusiva, até Jenne no Níger, de onde ele era transportado por canoa, descendo o Rio Níger até Timbuktu – o grande entreposto e local de encontro do comércio fluvial. Em Timbuktu, o ouro era transferido para as caravanas de camelos que o carregavam através do Saara para os centros comerciais do Magreb Ocidental – de onde era reexportado para a Europa Ocidental. Era normal as firmas comerciais africanas terem seus agentes em Jenne e Timbuktu, em Marraquexe e Fez, com ligações comerciais se estendendo ao sul, para a atual Gana, e ao norte, até a Inglaterra. Portanto, no começo do século XIX, encontramos em Timbuktu, sede da Universidade de Sankore, mercadores visitando seus sócios em Liverpool, enquanto mercadores do norte da África participavam de missões comerciais em Kumasi.

Outra rede comercial distinta tinha se desenvolvido em torno do comércio da noz-de-cola, ligando Gana e seus vizinhos com os Estados Hausa e Bornu e, assim – pelas rotas comerciais do Saara central – com Trípoli e Túnis. Estes contatos comerciais eram naturalmente refletidos no nível cultural⁴. Os idiomas, a literatura, a música, a arquitetura e as artes nacionais de Gana produziram impacto, de várias maneiras, através destes vínculos antigos no mundo africano mais amplo e além dele. Provavelmente, poucos de vocês saibam, por exemplo, que Baden Powell baseou a ideia do

⁴ NE.: Para detalhes da comunidade intelectual vibrante e de intercâmbios acadêmicos que se desenvolveram em conjunto com as economias comerciais transaarianas e com a cooperação econômica regional, por vários séculos antes do rompimento colonial europeu, veja os Capítulos 44, de Ray Kea e 45 de Hamid Bobboyi.

Movimento dos Escoteiros, inclusive o cumprimento com a mão esquerda, no conceito da estratégia militar Asante e na organização fraterna da juventude.

Considerem um escritor ganense como Al-Hajj' Umoru, que viveu aproximadamente entre 1850 e 1934, cujas obras árabes em poesia e prosa foram coletadas pelo Instituto de Estudos Africanos. Al-Hajj' Umoru pertencia a uma família de comerciantes e estudiosos Hausa – seu bisavô tinha participado da revolução de 'Uthman dan Fodio. Nascido e educado em Kano, ele viajou ao longo da rota de noz-de-cola até Salaga onde ele se estabeleceu quando era rapaz e construiu uma escola de estudos do idioma árabe e do Corão. Na época das guerras de Salaga, ele migrou para Kete-Krachi. Versado em literatura árabe clássica, ele reuniu em torno de si estudantes de diversas partes da África Ocidental e descreveu em alguns dos seus poemas a desintegração da sociedade africana em consequência da chegada dos britânicos.

De maneira semelhante, nós não podemos esperar entender adequadamente as civilizações medievais da África Ocidental – Gana, Mali, Songhay, Kanem, Bornu, Oyo – sem levar em consideração plenamente as civilizações que surgiram na África Oriental, Central e do Sul – Meroe, Aksum, Adal, Kilwa, Monomotapa, Mogadishu, Malindi, Mombasa, Zanzibar, Pemba, Chang'Amir – explorando os problemas das suas interconexões, seus pontos de semelhança e diferença. No norte da África, também, civilizações esclarecidas e poderosas tinham se desenvolvido no Egito, Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos. Estas cidades, estes estados e impérios desenvolveram suas próprias instituições políticas e suas próprias organizações, baseadas nas suas próprias ideias da natureza e dos ideais de sociedade. Estas instituições e organizações eram tão eficientes e suas ideias inerentes eram tão válidas, que certamente é nosso dever lhes dar seu devido lugar nos nossos estudos aqui.

O conceito de unidade africana também não deve ser pensado num sentido restrito. Da mesma maneira que, no estudo de civilizações da África Ocidental, nós temos que analisar seus relacionamentos, através do Saara, com o mundo do norte da África e do Mediterrâneo, ao estudarmos as civilizações da África Oriental e do Sul, temos que reconhecer a importância dos seus relacionamentos, através do Oceano Índico, com a Arábia, a Índia, a Indonésia e a China.

O geógrafo árabe do século XI, Al-Bakri, que fez o primeiro relato completo do antigo Império de Gana, também fez a primeira descrição da cidade tcheca de Praga. Quando nos voltamos para o estudo da África moderna, somos confrontados novamente com a necessidade de pensar em termos continentais. Claramente, todos os movimentos de libertação que surgiram na África foram aspectos de uma única revolução africana. Eles precisam ser entendidos a partir do ponto de vista das suas características e dos seus objetivos comuns, assim como a partir do ponto de vista dos tipos especiais de situação colonial dentro da qual eles tiveram que funcionar e dos problemas especiais que eles têm enfrentado. Então, apesar de evidentemente nenhuma instituição isolada poder cobrir a variedade de Estudos Africanos em toda sua multiplicidade e complexidade, espero ver o desenvolvimento, neste instituto, de um grupo de estudiosos com interesses tão múltiplos e diversificados como nossos recursos permitirem. No devido tempo, nós devemos proporcionar aos estudantes oportunidades para o estudo da história, dos principais idiomas e literaturas, da música e das artes, das instituições econômicas, sociais e políticas de todo o continente africano – para que, apesar de estudantes individuais necessariamente terem que se especializar em campos específicos, não haja nenhum setor principal de Estudos Africanos que não seja representado aqui. Eu não acredito que esta seja uma meta ambiciosa demais. E fico feliz em saber que o instituto já está

tomando medidas para desenvolver pesquisa e ensino da história, tanto do norte quanto do leste da África, com seus pré-requisitos – árabe e suaíli.

Ao mesmo tempo, temos que garantir que exista o mesmo tipo de diversidade entre os estudantes. Apesar de estarmos felizes em dar as boas-vindas a estudantes da Ásia, Europa e das Américas, naturalmente temos um interesse especial em desenvolver este instituto como um centro em que estudantes vindos de todas as partes da África possam se reunir, adquirir este novo aprendizado e, assim, tomar seu lugar entre a nova geração de africanistas de que a África precisa de maneira tão urgente, para quem as divisões artificiais entre os africanos que falam inglês, francês e português não signifiquem nada.

A *Encyclopædia Africana*, patrocinada pela Academia de Ciências de Gana, deverá proporcionar um fórum para estudiosos africanos trabalharem em conjunto e estabelecerem os resultados da sua pesquisa e de seu conhecimento. Estudiosos, estudantes e amigos, o trabalho em que vocês estão envolvidos aqui poderá ser de grande valor para o futuro de Gana, da África e do mundo. Permitam-me prestar uma homenagem ao seu diretor, Thomas Hodgkin, pela energia e pela atenção com que ele tem realizado seu trabalho. Cabe a ele o crédito de uma fundação tão sólida ter sido estabelecida neste instituto.

Senhoras e senhores, tenho grande prazer de declarar agora o Instituto de Estudos Africanos formal e decididamente inaugurado.

* * *

Kwame Nkrumah foi o primeiro primeiro-ministro e depois o primeiro presidente de Gana. Formado como professor, foi aos Estados Unidos em 1935 para estudos avançados aos 26 anos de idade e continuou sua formação na Inglaterra, onde ajudou a organizar o Congresso Pan-Africano, em 1945. Voltou a Gana em 1947 e tornou-se Secretário Geral da recém fundada Convenção da Costa do Ouro Unida, mas se separou dela em 1949 para formar o Partido Popular da Convenção (CPP). Em 1950, o governo colonial britânico que na época era a Costa do Ouro prendeu Nkrumah. Em 1951, saiu da prisão e formou um governo e, em 1957, devolveu a colônia ao seu status independente, como uma nação chamada Gana. Nkrumah promoveu uma política pan-africana radical, desempenhando um papel fundamental na formação da Organização de Unidade Africana, em 1963. Transformou o governo de Gana num estado unipartidário, com ele próprio como presidente vitalício. Derrubado por um golpe militar em 1966, passou seus últimos anos no exílio, morrendo em Bucareste, na Romênia, em 1972. Seus vários escritos abordam o destino político da África. Seu legado e seu sonho de um “Estados Unidos da África” permanece um objetivo para muitas pessoas.